

OS POVOS INDÍGENAS DO AMAPÁ E A MISSÃO ADVENTISTA ENTRE OS PALIKUR

 Antônio Ribamar Diniz Barbosa^{1,*}

 Alexandre Guilherme da Cruz Alves Junior²

RESUMO

O presente artigo analisa a inserção e o desenvolvimento do adventismo entre o povo indígena Palikur, localizado na região de fronteira entre o norte do Brasil e a Guiana Francesa, a partir de uma perspectiva histórico-religiosa. O estudo investiga os processos de contato missionário, recepção da mensagem adventista e reconfiguração das práticas religiosas tradicionais, considerando os atravessamentos culturais, linguísticos e sociopolíticos envolvidos na evangelização indígena ao longo do século XX. Metodologicamente, a pesquisa apoia-se em análise documental de fontes missionárias, relatórios institucionais e registros históricos denominacionais, articulada a contribuições da antropologia da religião e da história indígena. Argumenta-se que a adoção do adventismo pelos Palikur não se deu como simples substituição religiosa, mas como um processo complexo de negociação simbólica, no qual elementos doutrinários adventistas foram reinterpretados à luz da cosmologia indígena e de suas experiências históricas de contato interétnico. O artigo evidencia que a missão adventista atuou simultaneamente como agente religioso, educacional e cultural, influenciando práticas de saúde, organização comunitária e relações com o Estado nacional. Ao situar o caso Palikur no debate mais amplo sobre missões cristãs e povos indígenas na Amazônia, o estudo contribui para a compreensão das dinâmicas de tradução cultural e construção de identidades religiosas híbridas. Conclui-se que a experiência adventista entre os Palikur desafia modelos lineares de conversão e reforça a necessidade de abordagens históricas sensíveis à interculturalidade e à pluralidade religiosa.

Palavras-chave: Adventismo. Missionários. Amapá.

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará e em Teologia Sistemática pela Universidade Adventista del Plata. Professor convidado no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia da Faculdade Adventista da Amazônia.

² Doutor em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Docente de História das Américas da Universidade Federal do Amapá e integra o corpo docente permanente do Mestrado em História Social (PPGH - UNIFAP), do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA - UNIFAP) e do Doutorado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA - UNIFAP). E-mail: alexandrecruzunifap@gmail.com.

Submissão: 09/2025

Aceite: 12/2025

***Autor correspondente:**
ribamardiniz@hotmail.com

Como citar

BARBOSA, A. R. D.; ALVES JUNIOR, A. G. C. Os povos indígenas do Amapá e a missão adventista entre os Palikur. **Práxis Teológica**, volume 21, número 1, e-2391, 2025. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2025v21n1.e2391>.



ABSTRACT

This article analyzes the insertion and development of Adventism among the Palikur indigenous people, located in the border region between northern Brazil and French Guiana, from a historical-religious perspective. The study investigates the processes of missionary contact, reception of the Adventist message, and reconfiguration of traditional religious practices, considering the cultural, linguistic, and sociopolitical intersections involved in indigenous evangelization throughout the 20th century. Methodologically, the research relies on documentary analysis of missionary sources, institutional reports, and denominational historical records, articulated with contributions from the anthropology of religion and indigenous history. It argues that the adoption of Adventism by the Palikur did not occur as a simple religious substitution, but as a complex process of symbolic negotiation, in which Adventist doctrinal elements were reinterpreted in light of indigenous cosmology and their historical experiences of interethnic contact. The article shows that the Adventist mission acted simultaneously as a religious, educational, and cultural agent, influencing health practices, community organization, and relations with the nation-state. By situating the Palikur case within the broader debate on Christian missions and indigenous peoples in the Amazon, this study contributes to understanding the dynamics of cultural translation and the construction of hybrid religious identities. It concludes that the Adventist experience among the Palikur challenges linear models of conversion and reinforces the need for historical approaches sensitive to interculturality and religious plurality.

Keywords: Adventism. Missionaries. Amapá.

INTRODUÇÃO

O contato religioso com missões evangélicas é extremamente importante na história dos povos indígenas do estado do Amapá, na Amazônia brasileira e guianense. Os primeiros a ser contactados foram os Palikur. O marco desse contato é o ano de 1965, quando um casal de missionários linguistas do Summer Institute of Linguistics (SIL) foi enviado ao Rio Urukauá para estudar a língua Palikur, o Parikwaki. Além do estudo da língua, o casal se dedicou à tradução do Novo Testamento, possibilitando o acesso ao texto bíblico em Palikur. Poucos anos depois, aconteceu o evento que nas narrativas indígenas marca a “conversão” Palikur: a chegada de um pastor missionário da Missão Novas Tribos do Brasil - MNTB, exortando a conversão e ao principal rito evangélico: o batismo. No final da década de 1970, foi construída a Igreja Evangélica Assembleia de Deus – IEAD, na Aldeia Kumenê, que hoje é a maior aldeia Palikur do Urukauá¹, com um pastor indígena responsável por sua direção. Este processo de evangelização, nas palavras de Capiberibe foi “vista pelos próprios Palikur como uma reordenação das práticas e relações sociais.” (FRANCO, 2019, p. 38).

Este artigo apresenta um panorama histórico do contato dos adventistas com os povos indígenas do Amapá, especialmente com a etnia Palikur, onde estabeleceram uma igreja na década de 1990. O artigo está dividido em três partes. A primeira descreve o estado do Amapá; a segunda os povos indígenas desse estado e a última a missão adventista entre os Palikur, na Aldeia Tawary. Além do corpus principal, oferecemos uma bibliografia básica, copiada do site Povos Indígenas do Brasil, para os interessados em continuar pesquisando sobre os Palikur. Como suporte metodológico, nos valemos da contextualização histórica, da análise bibliográfica e do uso de fontes digitais diversas, incluindo dados sensitivos do IBGE e da FUNAI. Tais fontes são complementadas por imagens e

¹ Em 2019, a Aldeia Kumenê era dirigida pelo cacique Benigno Felicio, e contava com 784 moradores (FUNAI OIAPOQUE, 2019).

quadros que ilustram e explicam os tópicos discutidos.

É necessário destacar a relevância de se ter memórias de intervenção religiosa entre as etnias indígenas e, especificamente, a dos Palikur. Tal intervenção pode gerar uma compreensão mais acurada tanto do grupo indígena quanto do próprio atuar missionário, desnudando intenções e papéis de ambos os atores.

Vários autores reconhecem a importância desse tipo de exercício intelectual. A obra de Capiberibe, Batismo de Fogo (2007), ressalta a importância da etnologia do Baixo Oiapoque, onde a relação Palikur/religião cristã é central nessas pesquisas, pois “as comemorações de origem cristãs se constituem no lócus privilegiado das contínuas reavaliações sobre o modo de pensar e de agir dos Palikur.” (VIDAL, prefácio a CAPIBERIBE, 2007, p. 17).

O ESTADO DO AMAPÁ: RAÍZES INDÍGENAS, COLONIAIS E REPUBLICANAS

Ao escrever este artigo não se pode perder de vista os detalhes contextuais. Se pretende apresentar, ainda que brevemente; o palco (Amapá) da missão e o período histórico em que estas memórias missionárias foram vivenciadas.

O estado do Amapá teve seu povoamento ainda no período colonial. Um pouco antes, porém, alguns navegadores espanhóis exploraram as terras que viriam a constituir a Capitania do Cabo Norte. Vicente Yáñez Pizón, por exemplo, em janeiro de 1500, “descobriu a foz do Rio Oiapoque e assistiu o fenômeno da pororoca, que acabou causando pânico à tripulação, fazendo com que retornassem à Espanha” (MORAIS, ROSÁRIO, MORAIS, 2006, p. 12). Nessa mesma viagem o navegador também identificou a província de Paricura (ARNAUD, 1968, p. 01). Segundo Capiberibe, os Palikur já são citados em documentos escritos desde princípios do século XVI (GÓES, 2001, p. 9; CAPIBERIBE, 2007, p. 46). Em 14 de julho de 1637, o Rei espanhol Felipe IV criou a Capitania do Cabo Norte, para impedir a entrada de estrangeiros no território brasileiro (MORAIS, ROSÁRIO, MORAIS, 2006, p. 17). Essa grande faixa de terras era habitada pelos grupos indígenas, especialmente pela nação Tucujú (BETTENDORFF, 1990, p. 32). Importante no desenvolvimento militar e político da região foi a inauguração do Forte de São José de Macapá, em 1782. Em 4 de fevereiro de 1758 o governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado elevou o povoado São José de Macapá à categoria de Vila.

Os contornos atuais do AP foi alvo de muitas disputas. Nesse sentido, um importante documento escrito por Joaquim Caetano da Silva, *O Oiapoque e o Amazonas* (2010), ofereceu as bases limítrofes das Terras do Cabo Norte. No século XIX, Caetano proferiu um envolvente discurso na Sociedade de Geografia de Paris, para resolver definitivamente as celeumas fronteiriças da porção setentrional do Brasil, que se arrastavam desde o século XVI, entre Portugal e França. O resultado das disputas foi o Laudo de Berna, assinado, em 1º de dezembro de 1900, na Suíça. A partir deste documento, a fronteira do Brasil com a Guiana Francesa ficou estabelecida. Caetano fora designado pelo Imperador Pedro II, para resolver os impasses relacionados ao limite fronteiriço que deveria dividir as terras brasileiras e francesas, cujo *acidente geográfico* utilizado como limite demarcatório

foi o rio Oiapoque (CAMILO, 2010, p. 19-20).

“Foi no governo do Presidente Getúlio Vargas, por meio do Decreto lei nº 5.812 de 13 de setembro de 1943, que foi criado o Território Federal do Amapá” (MORAIS, ROSÁRIO, MORAIS, 2006, p. 5), que se tornou o Estado 27 da federação, com a proclamação da nova Constituição do Brasil em 1988.

Essas terras do Cabo Norte haviam sido incorporadas ao Brasil após o tratado de Tordesilhas, já que ficavam dentro da jurisdição portuguesa. Palco de conflito entre franceses, holandeses e espanhóis, a região sofreu diversas intervenções (MORAIS, ROSÁRIO, MORAIS, 2006). Em seu livro *Entre rios, matas e igarapés*, Bruno Nascimento (2021) detalha o protagonismo indígena nesses combates. Para Nascimento,

as representações sobre os povos ameríndios são, muitas vezes, estereotipadas. Ademais, os escritos elaborados pelos autores buscaram justificar a colonização, a catequese, a exploração comercial, o controle do território e até benesses aos militares em razão dos seus serviços prestados às coroas ibéricas [...]. De qualquer forma, há presenças indígenas nas fontes históricas que tratam dos conflitos entre as nações europeias no Cabo do Norte, ou seja, impactaram a vida das gentes da região. Em geral, os nativos são apresentados somente como aliados ou inimigos nas guerras. A historiografia tradicional obliterou as ações desses agentes históricos e apenas os tratou como sujeitos passivos ou meras vítimas dos processos históricos. [...] a nova história indígena, embora não negue as consequências desastrosas da conquista europeia, valoriza as negociações, enfrentamentos, reelaborações das identidades indígenas e não as toma como cristalizadas. Em outras palavras, mesmo que em relações de poder assimétricas, os nativos fizeram as escolhas possíveis a partir dos seus interesses (NASCIMENTO, 2021, p. 25-26).

Devido a localização estratégica do Amapá para a defesa do território amazônico dos planos expansionistas do Eixo, Getúlio Vargas, em meio da segunda guerra mundial, criou o TFA, em 1943. Durante a constituição promulgada em 1988, o Amapá foi elevado à categoria de Estado, sendo um dos mais novos da federação. Atualmente o estado possui 733.508 habitantes, que vivem em seus 16 municípios, numa área de 142.470,762 Km², sendo considerado o mais preservado do país (IBGE, 2023).

OS POVOS INDÍGENAS DO AMAPÁ: RELEVÂNCIA HISTÓRICA, DIVERSIDADE E CRESCIMENTO ATUAL.

O Estado do AP abriga, entre a sua população nativa, quatro etnias indígenas. Este estado, ainda pouco conhecido pelos brasileiros, abriga um dos maiores tesouros culturais do nosso país. Me refiro aos diversos grupos que habitam suas terras, desde os tempos da conquista portuguesa. Pelo isolamento geográfico do Amapá, os povos originários permanecem em relativa liberdade na prática de sua cultura ancestral, embora o contato com missionários cristãos tenha modificado essa cultura, sobretudo entre os Palikur.

OS POVOS INDÍGENAS DO AMAPÁ E A MISSÃO ADVENTISTA ENTRE OS PALIKUR

Os povos indígenas do extremo norte do Amapá, habitantes da bacia do rio Uaçá e do baixo curso do rio Oiapoque – Karipuna, Palikur, Galibi Marworno e Galibi Kali’na -, são o resultado de várias migrações e fusões antigas e mais recentes. São portadores de tradições culturais heterogêneas, histórias de contato e trajetórias diferenciadas, assim como suas línguas e religiões. Mesmo assim, esses povos tem conseguido conviver e construir, ao longo do tempo, um espaço de interlocução, especialmente pelo viés das Assembleias Gerais e das Associações do Povos Indígenas do Oiapoque que congregam as quatro etnias. Esses povos somam uma população de sete mil índios distribuídos em inúmeras aldeias e localizadas, na Terras Indígenas (TIs) Uaçá, Gabibi e Jaminâ. Essas terras indígenas demarcadas e homologadas configuraram uma grande área contínua, cortadas a oeste pela BR-156, que liga Macapá ao Oiapoque (VIDAL, LAVAL, 2019, p. 35).

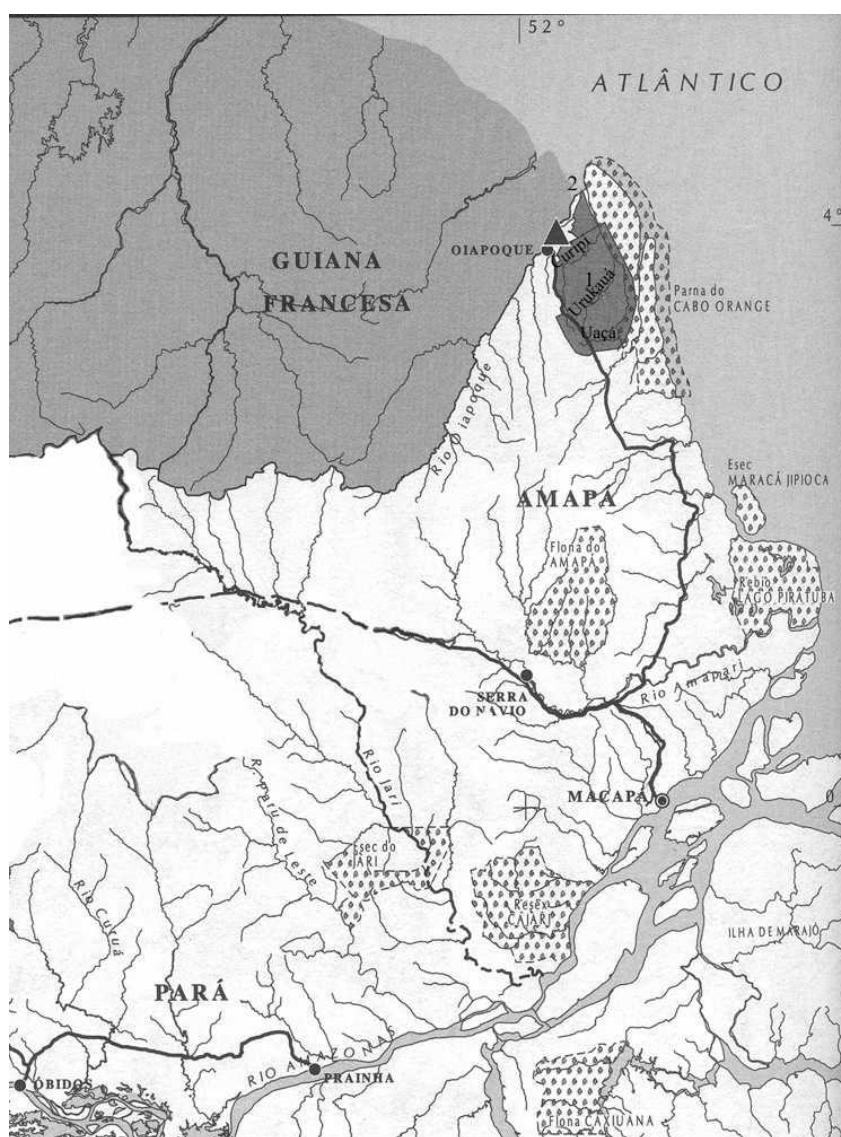


Imagen 1 - Terra Indígena Uaçá, Oiapoque, AP (área mais escura do mapa)

Fonte: Capiberibe (2009, p. xvii).

No livro *Para cuidar da Terra Indígena: memórias e reflexões de Domingos Santa Rosa*, há números arredondados sobre esses povos indígenas. São aproximadamente oito mil autóctones, vivendo em 67² aldeias distribuídas por três terras indígenas, demarcadas e homologadas (TI Uaçá, TI Juminã e TI Galibi), formando uma área de 518.454 hectares, na fronteira com a Guiana Francesa. Embora tenham diferenças entre si, se reconhecem enquanto “povos indígenas do Oiapoque”, mantendo históricas relações de intercâmbio e articulação política. Eles falam as línguas Parikwaki (Povo Palikur Arukwayene), Galibi Kali’na (Povo Galibi Kali’na) e Kheól (Povos Indígenas Karipuna e Galibi Marworno), além do português e francês, aprendidos com as populações que transitam na região e com quem mantém contato desde o século XVI (SANTA ROSA, 2020, p. 13). O criolo guianense também é falado por indígenas da região, em menor número. Em síntese os Palikur, são poliglotas, e falam quatro línguas; o “patois, português, francês e sua língua nativa, o Parikwaki” (CAPIBERIBE, 2007, p. 144).

Cada povo mantém sua especificidade, historicamente construída, apresenta uma cosmologia e organização social particular e vive em uma região diferente, associada a um rio: os Palikur na região do Rio Urukauá, os Galibi Kali’na no Rio Oiapoque, os Karipuna no Rio Curipi e os Galibi Marworno no Rio Uaçá. Além dos quatro principais rios, alternam-se paisagens de platô rochosos, florestas tropical de terra firma, cerrados, manguezais, açaizais nativos e campos alagados com numerosas ilhas, onde se localizam as aldeias e roças. A terra firme é mais abundante no lado oeste, onde foi construída a rodovia BR-156, que atravessa a TI Uaçá, e na margem da qual existem diversas aldeias. (SANTA ROSA, 2020, p. 14).

Das aldeias citadas nos textos acima, o total de 15 são da etnia Palikur, a saber: Flecha, Monte Tipoca, Urubu, Massiká, Tawary, Amomni, Mangue I, Kumenê, Kwikwit, Puwaytyeket, Kamuywá, Yanawá (localizadas no Rio Urukawá) e as aldeias Ywawka, Arukwa (Ikawakun), e Kuahi (localizadas na BR-156). “Cada aldeia tem o seu chefe que é o cacique, escolhido pela comunidade” (CCPIO, 2019, p. 16). Sua organização social é baseada em clãs patrilineares e exogâmicos, adotando ainda, a pelo menos um século, o casamento monogâmico, com tendência endogâmica em relação à etnia (cf. CAPIBERIBE, 2007, p. 69-72; ARNAUD, 1968, p. 9, 10). Além do casamento monogâmico os Palikur partilham com os adventistas sua própria versão do dilúvio³ mencionado no livro bíblico de Gênesis.

Os dados atuais, entretanto, apontam que o Amapá tem uma população indígena superior aos dados apresentados anteriormente. Segundo o último Censo do IBGE (2022), o Amapá tem 11.334 pessoas indígenas, que vivem em 136 localidades, em quatro municípios (Oiapoque, Pedra Branca do Amapari, Laranjal do Jari, e Serra do Navio). Desse total, 7.853 (69,3%) viviam em Terras Indígenas e 3.481 (30,7%) viviam fora dessas terras. Cerca de 25,2% (ou 2.859 pessoas) da população indígena

² O efetivo total de indígenas e de aldeias é provido por (IEPÉ, 2022, p. 8), cujo livro é de 2022.

³ O mito do dilúvio Palikur pode ser visto em (CAPIBERIBE 2007, p. 261-271) e a versão adventista está presente em uma de suas crenças fundamentais, conforme o *Manual da Igreja* (ASSOCIAÇÃO GERAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA p. 168) e o livro *Nisto Cremos*, que comenta as 28 crenças fundamentais da denominação (ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2018, p. 126-127).

residia em áreas urbanas, enquanto 74,8% (ou 8.475 indígenas) morava em áreas rurais⁴, o que inclui os Palikur apresentados neste artigo.



Imagen 2 - Trecho do Rio Urukauá, na Terra Indígena Uaçá, próximo a Aldeia Tawary

Fonte: Arquivo do pesquisador.

Nessas aldeias, bem como na maioria das outras, os Palikur e seus parentes de outras etnias produzem farinha de mandioca e seus subprodutos, cujo excedente é comercializado na cidade do Oiapoque, em Saint Georges, cidade fronteiriça da Guiana Francesa. Eles são detentores de vasto conhecimento sobre recursos pesqueiros, e arte da pesca, (base da alimentação), aliada ao extrativismo, a caça e, atualmente, ao consumo de produtos industrializados pelo contato frequente com a cidade e dos trabalhos assalariados nas aldeias. Há vários indígenas atuando como professores, por exemplo, além de outros serviços nas aldeias maiores. No Oiapoque eles contam com Museu Kuahí, onde são realizados exposições, eventos e vendas de seus produtos artesanais (SANTA ROSA, 2020, p. 14).

⁴Povos Indígenas Do Brasil. “Amapá tem 136 localidades indígenas em quatro municípios, mostra IBGE”. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/es/Not%C3%ADcias?id=227809>. Acesso: 20 de dezembro de 2025.



Imagen 3 - Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque.

Fonte: Arquivo do pesquisador.

Segundo Capiberibe, desde 1513, quando são mencionados pela primeira vez em um documento escrito, os Palikur figuram em relatos e mapas de viajantes, documentos administrativos e etnográficos por uma miríade de corruptelas, como: Paricuria, Paricura, Paricuras, Paricores, Palincur(s), Palicur, Palicours, Paricur, Paricur, Parikurene, Parikuyen, Paricoros, Paricurarez, Parikur, Palicou-enne, Parincur-Iéne, Palikur, Pa'ikwene, Parikwene, etc (CAPIBERIBE, 2007, p 46).

O antropólogo Expedito Arnaud, por sua vez, afirmou que, “De acordo com o mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú (1981) os Palikur constituem o grupo indígena de mais antiga referência no território brasileiro (1500)”. (ARNAUD, 1984, iv).

É importante frisar que a população Palikur vem crescendo nos últimos anos. Segundo a FUNAI, a população indígena brasileira, em 1500, equivalia a aproximadamente 3 milhões de habitantes, dos quais cerca de 2 milhões estabelecidos no litoral. Por volta de 1650, esse número caiu para 700 mil, em 1957 chegou a 70 mil indígenas, número mais baixo registrado. A partir daí a população indígena começou a crescer. De acordo com o último censo demográfico, realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, existem 896.917 indígenas no país, equivalente a 29,9% da população estimada para 1500, quando começou o processo de colonização (HUMANISTA, 2021).

De acordo com os dados do último Censo (2022), o número geral cresceu na ordem de 88,12% em 12 anos, o que é bastante animador para ambientalistas, indigenistas e autoridades preocupados com a preservação da cultura e contingentes indígenas do Brasil. O levantamento “aponta que a população indígena do país chegou a 1.693.535 pessoas, o que representa 0,83% do total de habitantes. Conforme o IBGE, pouco mais da metade (51,2%) da população indígena está concentrada na Amazônia Legal”, como os Palikur do presente estudo (FUNAI, 2023).

Nesse aspecto Diniz (2022), fala de um “protagonismo Palikur”, que resiste a colonização, a expropriação de terras, as missões protestantes, e as mudanças linguísticas, através de uma intricada rede de negociações, políticas de demarcação de terras indígenas, rejeição ou conversão a mensagem evangélica e transmissão do idioma às novas gerações e estudo da mesma em programas governamentais, respectivamente. Os Palikur, nas duas últimas décadas vivem um período áureo em relação à recuperação de sua população, como explica o Quadro abaixo. Alguns dos dados, porém, precisam ser confrontados com outras fontes, já que a população praticamente dobrou de tamanho entre 2015 e 2016, o que parece não corresponder à realidade. Entretanto, esses dados refletem o crescimento do povo Palikur e incluem o contingente de 1998, quando Raimundo Cutrim fez sua primeira visita às aldeias do Uaçá. (CUTRIM, 2020).

Conforme reflete Capiberibe, se os Palikur “foram numerosos no passado, chegaram ao século XX com a população extremamente reduzida”, assolados por caçadores de escravos e epidemias mortíferas de sarampo, catapora, gripe e malária. Entretanto, foi ao longo “desse mesmo século que ocorreu a retomada do crescimento populacional”. (CAPIBERIBE, 2007, p. 47). Se o século passado marcou a recuperação do crescimento população Palikur, o Quadro 6 pode indicar que o século XXI poderá marcar sua explosão demográfica, caso o crescimento continue nessa proporção.

Quadro 1 – Crescimento da população Palikur no Urukauá, Oiapoque, AP.

Ano	População	Diferença	Crescimento
1925	186	-	
1931	202	16	8,6%
1943	273	71	35,14%
1965	263	-10	-3,66%
1978	574	311	113,61%
1988	703	129	22,47%
1998	866	163	23,18%
2002	1011	145	16,74%
2012	790	-221	-21,85%
2013	910	120	15,18%
2014	1.040	130	14,28%
2015	1.177	137	13,17%
2016	2.294	1.117	94,90%
TOTAL	1925 e 2016	2.108	1.113,3%

Fonte: Elaboração da pesquisa, com base em dados do site PIB (2023) e FUNAI OIAPOQUE (2017).

Apesar de os dados não serem conclusivos, o crescimento geral de 186 para 2.294 pessoas ao longo de 91 anos, totalizando um crescimento de 1.113,3%, comparando o primeiro ano dos registros

(1925) com os dados mais recentes (2016) não pode ser ignorado, pelo contrário, deve ser celebrado como o renascer de uma nação. O período de maior crescimento no Quadro (comparação entre 1965 e 1978), com 113,61%, corresponde a primeira década de atuação da FUNAI, criada em 05 de dezembro de 1967⁵.

O ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA: RAÍZES ESTADUNIDENSES E O ÍMPETO DA MISSÃO

A IASD é fruto da divulgação intensa da doutrina cristã da segunda vinda de Jesus Cristo à terra, liderada pelo norte americano William Miller e outros pregadores menos influentes, na primeira metade do século XIX. O resultado do movimento milerita, ou adventismo, foi uma fragmentação dos adeptos em vários grupos, que haviam aguardado a concretização de suas esperanças para a data anunciada, segundo a interpretação de Miller, o dia 22 de outubro de 1844⁶. Como Jesus Cristo não apareceu, naquela ocasião, o grupo fragmentou-se, originando, entre outros, os ASD. Os adventistas se consideram uma continuidade do movimento inicial e tem usado o termo original adventismo para designar e associar seu movimento ao de Miller.

Com o tempo, os adventistas se organizaram, tendo a missão de alcançar o mundo todo com sua mensagem como grande razão de sua existência como denominação. O texto bíblico de Mateus 28:18-20 e Apocalipse 14:6-12 são basilares nesta empreitada global. Eles justificam as ações missionárias entre todos as nações, inclusive os povos indígenas, como os Palikur, com base na lógica de preparar uma grande multidão ou família universal, sem barreiras linguísticas ou étnicas, para o encontro com Deus no juízo final.

Deste modo, o adventismo foi implantado em muitos países através da colportagem ou publicações. No Brasil, a chegada da mensagem adventista ocorreu em 1880, através de um pacote de revistas em alemão no Sul do país. As publicações despertaram o interesse nas crenças da denominação, entre as colônias de imigrantes alemães, que foram atendidas pelo envio de missionários de sustento próprio ou assalariados. Após a aceitação das crenças, os interessados eram batizados, tornando-se membros da Igreja e promotores das crenças que haviam assimilado.

No Amapá, a IASD chegou em 1952, através de membros leigos que vieram morar no estado e espalharam a mensagem em Macapá e Santana. Fundamental nesse processo foi o estabelecimento da Escola Adventista de Macapá (em 1996), das visitas de pastores e membros leigos as cidades vizinhas à capital e as conferências públicas realizados em todo o Estado. No caso do Oiapoque, a atividade missionária na Aldeia Tawary foi possível graças ao envio do pastor Raimundo Nonato Penha Cutrim, que estabeleceu a igrejas em 21 localizadas diferentes, daquela cidade até Porto Grande.

⁵ “A Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Criada por meio da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, vinculada ao Ministério dos Povos Indígenas, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal. Sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil.” (FUNAI, 2020).

⁶ Segundo as fontes adventistas Miler não anunciou uma data exata a princípio, porém, após cálculos mais precisos, aceitou a data proposta por Samuel Snow, outro pregador adventista da época (KNIGHT, 2015).

OS ADVENTISTAS E OS PALIKUR DA ALDEIA TAWARY

A Aldeia Tawary surgiu da povoação inicial de Leônio Emílio e Cecília Labonté, que montaram uma pequena fazenda, na segunda metade do século XX, no local atual da aldeia. O casal veio da Ilha Cupire, e construiu uma casa de palha e organizaram a aldeia. Com o tempo os filhos e netos de Leônio permaneceram no local, casando-se e construindo novas casas, até a configuração atual. Atualmente o cacique da Aldeia Tawary é Henrique Leôncio, neto de Leônio. Ele substitui seu pai Emiliano Leôncio como cacique. Emiliano faleceu, mas sua esposa, a matriarca da aldeia, Maria Norino, ainda vive. Seus filhos, Bruno, Henrique, Jasci, Abel, Wilson, Ivan, Jeferson, Sara, Ilma, Marlúce, Mirlene e Amélia são os principais moradores da Aldeia, sendo que alguns são casados e tem seus próprios filhos, que formam aquela comunidade indígena.

Segundo a FUNAI, em 2019, havia 50 indígenas morando na Aldeia Tawary, sob a coordenação do cacique Henrique Leôncio (FUNAI OIAPOQUE, 2019). Até 2017, quando havia 42 aldeias em todo o Oiapoque, das quatro etnias que vivem no município, a Aldeia Tawary figurava entre as menores, como a grande maioria das aldeias, que tem menos de 100 indígenas no total. Naquele ano, havia 5.954 indígenas na região, sendo 1.324 da etnia Palikur (FUNAI OIAPOQUE, 2017). A população Palikur vem aumentando, já que de 2017 a população Palikur contabilizava 1505 e em 2019, subiu para 1.630. Acompanhando a tendência geral da etnia, atualmente moram 54 pessoas na Aldeia Palikur, com sobrenomes (Leôncio, Iôio, Guiome, Norino, Martins), que remetem aos clãs Palikur e subgrupos que foram conservados na tradição e mapeados pelos antropólogos⁷.

⁷ Na Aldeia Tawary podem ser encontrados os sobrenomes Leôncio, Iôio, Guiome, Norino, Martins, Santos e Forte. A descendência Palikur, “é determinada pela linha paterna, e é esta regra que define com quem se pode e não se pode casar. Os Palikur apresentam-se divididos em seis subgrupos, todos referidos a uma origem na qual dividiam-se em “gentes” ou “povos” diferentes, e são traduzidos tanto para o português quanto para o francês na forma de sobrenomes. São estes: *Wayveyene* ou “gente da lagarta” (em português, constituí os sobrenomes Ioiô, Orlando, Paulo, Brasil e Hipólito; em francês, Norino, Yoyo e Michel); *Wakavunyene*, “gente do esteio” (sobrenome Batista, Leôncio, Flogênio e Baptist); *Kawakukyene*, ‘gente do Ananás’ (sobrenome Labonté); *Paraymeyene*, “gente da piramutaba ou bagre” (sobrenome Guiome, Martins ou Guiaume e Martin); *Wadahyene*, “gente da lagartixa” (sobrenome Iaparrá ou Yapara); e *Waxiyene*, “gente da montanha” (sobrenome Antônio Felício, Felício, Augusto ou Félicio (a), Augste). A nomeação dos subgrupos é transmitida pelo pai e é imutável. Portanto, a mulher, mesmo após o casamento, permanece vinculada ao subgrupo de seu pai, ao passo que seus filhos pertencem ao subgrupo de seu marido. É expressamente proibido casar com um membro do mesmo subgrupo.” (PIB, 2023).



Imagen 4 - Posto da FUNAI no Oiapoque.

Fonte: Arquivo do pesquisador.

Visitei a Aldeia Tawary em duas ocasiões: A primeira foi no dia 22 de novembro de 2022, acompanhado de minha esposa, Cícera Maria da Silva Diniz e do pastor adventista Adriano Ricardo Buzelli. A segunda foi entre os dias 07 e 09 de agosto de 2023, acompanhado de João Jean Silva de Lima, Cleison Câmara Regis, Elias Custódio Dultra dos Santos, Adriano Ricardo Buzelli, Antônio Carlos Pinto Cardoso, Clarice Costa Felix, Vitória Pedroso Zahn, Eduarda de Borba Loth. Ambas as visitas foram feitas a convite do cacique e autorizadas pela FUNAI. O propósito foi me acercar ao objeto de pesquisa e conhecer a realidade e possíveis efeitos da propagação da mensagem adventista 23 anos antes.



Imagen 5 - Pesquisador e sua esposa, ao lado do cacique Henrique Leôncio, com autorização da FUNAI para entrar na Aldeia Tawary, novembro de 2022.

Fonte: Arquivo do pesquisador.

A principal versão da história da evangelização da Aldeia Tawary⁸ é bastante curiosa, contendo elementos sobrenaturais e foi publicada em um periódico denominacional. Essa versão foi popularizada pelo missionário Raimundo Nonato Penha Cutrim, conforme indica a leitura. O texto confirma e contradiz alguns dos fatos narrados pelos missionários entrevistados.

A igreja da aldeia Tawari é uma das igrejas adventistas mais isoladas do País (talvez a mais isolada). Depois de alcançar o município do Oiapoque, são necessárias mais dez horas de barco motorizado para se chegar à tribo. Do outro lado do rio está a Guiana Francesa [...] A maneira como os Palikur da aldeia Tawari se tornaram adventistas impressiona pelo fato de que foram os próprios índios que saíram em busca da igreja e não o contrário, como de costume. Segundo o Governo do Estado do Amapá, durante cerca de 12 anos (1965 a 1977), um casal de missionários lingüistas do Summer Institute of Linguistics (SIL), entidade internacional que pesquisa línguas e culturas minoritárias, trabalhou junto aos Palikur. Sua base foi a aldeia Kumenê, na qual, em meados da década de 1980, foi construída uma igreja de linha pentecostal. Foram traduzidos para a língua dos índios o Novo Testamento e coletâneas de hinos evangélicos. Já com certo conhecimento bíblico, os Palikur começaram a guardar o sábado ainda na década de 1980, depois que um índio sofreu um naufrágio e foi salvo por um casal do Oiapoque, que o acolheu por alguns dias, ensinando-lhe sobre o sábado como dia de repouso bíblico. Esse índio levou o ensinamento que foi recebido por toda a tribo. Em 1997, o cacique Emílio, também conhecido como Simeão, da tribo Tawari, que faleceu no início de setembro, soube que havia na Guiana Francesa uma igreja que guardava o sábado. Conseguiu contato por radioamador com um pastor adventista daquele país, sendo informado que no Brasil, no Oiapoque, havia uma igreja capacitada para atendê-los. O cacique, após longa viagem de canoa, localizou no Oiapoque o Pastor Raimundo Cutrim, e pediu-lhe o batismo. O Pastor Cutrim acompanhou o cacique e passou três dias na aldeia ensinando hábitos alimentares, princípios de saúde e outros ensinamentos bíblicos dos adventistas do sétimo dia. Espalhou-se nas tribos que “um anjo” estivera visitando a aldeia Tawari. Depois de algum tempo, o Pastor Cutrim retornou, levando consigo outros pastores, dentre os quais o Pastor Moisés Batista de Souza, então presidente da ABA. Eles passaram um mês na aldeia preparando os índios para o batismo. Finalmente, foram batizados 39 índios da aldeia Kumenê, mais os 50 índios das aldeias Tawari e Urubu, e foi construída uma pequena igreja de madeira. “Foi uma porta aberta pelo próprio Deus, pois não se entra nas aldeias sem autorização do cacique local e da Funai. Não fosse o Espírito Santo mover o coração do cacique Emílio, jamais teríamos tido o privilégio de alcançar esse grupo especial”, recorda o Pastor Raimundo Cutrim [...] (VIANA, 2003, p. 24).

⁸ Vale frisar que circula entre alguns adventistas e membros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus uma versão mais antiga da presença adventista entre os Palikur. Em 1959 ou 1963 uma missionária adventista (Kuarina?) da Guiana Francesa, teria vindo (acompanhada pelo marido) a região do Uaçá, antes dos batistas e assembleianos e ensinado ao povo Palikur sobre a volta de Jesus e a Lei de Deus. Alguns creem que essa é a origem da guarda do mandamento do sábado entre os Palikur, inclusive pentecostais, nas aldeias da região. Anotações do pesquisador, feitas durante a visita feita a Aldeia Tawary, em novembro de 2022.



Imagen 6 - Pr. Raimundo Nonato Penha Cutrim batizando um indígena em 1999.

Fonte: Arquivo de Raimundo Nonato Penha Cutrim.

Convém salientar que circula, restritamente, uma versão diferente e mais antiga sobre a presença adventista entre os Palikur. Alguns relatam que uma missionária da Guiana Francesa visitou a região do Uaçá, antes dos batistas e assembleianos, ensinando os fundamentos do Adventismo, como as doutrinas da volta de Cristo e do sábado. Considerando que já havia missionários na Guiana Francesa na década de 1940; que aquela Missão Adventista fora organizada por volta de 1945 e que, naquele ano, ocorreu o primeiro batismo adventista da Guiana Francesa, de John Charles Drew (LINZAU, 2003, p. 20, 36, 37) é factível que missionários possam ter cruzado a fronteira e vindo ao Uaçá. Rastrear essa história, porém, seria difícil hoje e não corresponde ao escopo dessa investigação. Apesar dessa dificuldade, Capiberibe corrobora essa tradição oral adventista ao falar sobre os ritos na Igreja Assembléia de Deus entre os Palikur do Uaçá:

O principal dia de culto, diferentemente do que reza o *habitus* das Assembléias de Deus brasileiras, é o sábado. Neste dia não se deve trabalhar de forma alguma, é um dia “guardado para o Senhor”. De acordo com o *Diário*, privilegiar o sábado e o domingo como dias de trabalho religioso foi uma decisão tomada pelas principais lideranças religiosas Palikur (Paulo Orlando, Leon Paulo, Moisés Iaparrá) antes do estabelecimento de uma Igreja denominacional. Visava contemplar as pessoas que haviam tido contato com a Igreja Adventista na Guiana francesa, para que elas pudessem participar dos serviços religiosos da IEAD sem sentir que desrespeitavam o princípio fundamental adventista de ter o sábado como dia que dedicam a Deus e não o domingo. Com o tempo, o sábado prevaleceu sobre o domingo, mostrando como a autonomia de que falei acima pode gerar especificidades locais (CAPIBERIBE, 2009, p. 318-319).



Imagen 7 - Templo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus da Aldeia Kumenê, instalado na década de 1970.

Fonte: Arquivo do autor.

A conversão Palikur ao Pentecostalismo ocorreu entre 1967 e 1968, após a visita dos missionários Glen Johnson e Cris, que entraram providencialmente no Urukauá. O trabalho deles foi precedido pela presença do casal de missionários do SIL, Diana e Harold Green, que entraram na área Palikur, em 1965, e traduziram a Bíblia para seu idioma (CAPIBERIBE, 2009, p. 294, 312-314). A partir de 1970, quando foi construída a IEAD do Kumenê, a mensagem pentecostal espalhou-se pelas demais aldeias da região, atraindo muitos adeptos. O advento e expansão da IEAD nas aldeias era inevitável, considerando seu explosivo avanço em toda a Amazônia⁹, depois dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg terem fundado essa denominação em Belém do Pará, em 1911 (CÉSAR, 2000, p. 117-122).

A IASD da Aldeia Tawary, figura entre as 169.268 mil congregações adventistas, em seu diretório de Documentos, Arquivos, Estatísticas e Pesquisas da Associação Geral, como um grupo organizado, ou seja, quando não há condições de independência financeira nem administrativa. O grupo está no endereço S/N, no Oiapoque, sob o CEP: 68980000, com 45 membros, com o português como idioma dos cultos (ASTR, 2023). Isso não corresponde, pois em visitas constatei que os cultos são realizados de forma híbrida, com o uso majoritário do Palikur para as pregações e português para as orações e cânticos. Quando os pastores adventistas comparecem, são traduzidos por Abel Leoncio.

⁹ Segundo César (2000) “nenhuma denominação evangélica experimentou um crescimento tão rápido e tão grande como as Assembleias de Deus.” (CÉSAR, 2000, p. 120).



Imagen 8 - Igreja Adventista da Aldeia Tawary.

Fonte: Arquivo do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial que motivou este artigo foi a análise das missões adventistas do sétimo dia entre os povos indígenas do Baixo Oiapoque, especificamente os Palikur da Aldeia Tawary, na terra Indígena Uaçá. Este intento investigativo cobriu o período temporal de quase duas décadas e meia, de 1998 a 2022 e concentrou-se, em termos espaciais, numa aldeia formada por 54 indígenas, no extremo norte do País. A presença de missões adventistas entre os Palikur ainda é bastante reduzida, sendo difícil avaliar seu impacto. Novos estudos precisam ser feitos para fazer frente a essa necessidade.

A ida dos adventistas a Aldeia Tawary foi fruto de sua persistência em disseminar o adventismo na região mais extrema do estado e do Brasil. Por outro lado, os próprios indígenas solicitaram a presença dos pastores e demonstraram interesse na guarda do sábado desde a década de 1980.

No caso dos adventistas, seu corpus doutrinário conservador pode ter definido o insucesso no alcance de outras aldeias, além de Tawary. A Aldeia Tawary surgiu na segunda metade do século passado, sendo habitada atualmente por cerca de 54 indígenas, quase todos professando a religião adventista.

O projeto evangelizador adventista entre os Palikur não seguiu o padrão de outros lugares, com o envio de literatura, seguida de missionários e estabelecimento de instituições. Diferente disso, envolveu apenas o envio de missionários. Apesar disso, foi uma iniciativa baseada no interesse demonstrado pelos próprios indígenas, como havia acontecido em fase de mudança do catolicismo

para o pentecostalismo com as outras aldeias Palikur. O projeto não foi fruto de um planejamento estratégico, mas foi o aproveitamento de uma oportunidade. Ao longo dos últimos 25 anos, os resultados do trabalho foram escassos, pois apenas uma aldeia foi evangelizada, e apenas um templo foi construído, estando ainda inacabado.

Cabe uma reflexão, escrita por Ellen G. White, cofundadora da IASD, sobre a igualdade entre os povos, base do respeito defendido pelos adventistas ao contactar estes povos. “Deus não reconhece distinção alguma de nacionalidade, etnia ou classe social. É o Criador de todo homem. Todos os homens são de uma família pela criação, e todos são um pela redenção.” (WHITE, 2013, p. 38).

REFERÊNCIAS

ARNAUD, Expedito. O protestantismo entre os índios Palikúr do rio Urucauá (Oiapoque, Brasil): notícia preliminar. Rev. de Antropologia, São Paulo: USP, n. 23, p. 99-102, 1980.

ARNAUD, Expedito. O sobrenatural e a influência cristã entre os índios do rio Uaça (Oiapoque, Amapá): Palikúr, Galibi e Karipúna. In: LANGDON, e Jean Matteson (Org.). Xamanismo no Brasil: novas perspectivas. Florianópolis: UFSC/Fapeu, 1996. p. 297-331.

ARNAUD, Expedito. **Os índios Palikúr do rio Urucauá**: tradição tribal e protestantismo. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. 1984 (Publicações Avulsas, 38).

ARNAUD, Expedito. **Referências sobre o sistema de parentesco dos índios Palikúr**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova série, Antropologia. Belém, n. 36, p.1-21, jul. 1968.

ASSOCIAÇÃO GERAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. 23a edição. Tradução: Raniere Sales. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2022.

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Nisto Cremos:** crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

ASTR (Office of Archives, Statistics, and Research). **Aldeia Tawary**. Disponível em: <https://adventistdirectory.org/ViewEntity.aspx?EntityID=108057>. Acesso: 10 set. 2023.

BETTENDORFF, João Felipe. Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. 2. ed. Belém: Fundação Cultural Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

CAMILO. Janaína. Apresentação à SILVA, Joaquim Caetano. O Oiapoque e o Amazonas. Campinas. Instituto de Filosofia e ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2010.

CANTUÁRIO; Victor André Pinheiro; Cesar Augusto Mathias de, ALENCAR; Rauliette Diana Lima e SILVA. **Amansados pela fé:** reflexões sobre as faces das conversões dos Palikur. **Caminhos**. Goiânia, v. 19, p. 29-44, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Administrator/Downloads/seer,+29->

44.pdf. Acesso: 12 out. 2023.

CABIBERIBE, A.M.G. **Batismo de fogo:** os Palikur e o cristianismo. 2001. Dissertação (mestrado em antropologia social). 273f. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

CABIBERIBE, A.M.G. Sob o manto do cristianismo: o processo de conversões Palikur. In. Montero, P. (org.). **Deus na Aldeia:** missionários, índios e mediação cultural. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006, p. 305-42.

CABIBERIBE, Artionka. **Batismo de fogo:** os Palikur e o cristianismo. Artionka Capiberibe. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

CABIBERIBE, Artionka. **Nas duas margens do rio:** alteridade e transformações entre os Palikur na fronteira Brasil/Guiana francesa/ Artionka Capiberibe. Rio de Janeiro, PPGAS-MN/UFRJ, 2009. 425fl. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGAS Museu Nacional.

CCPIO (Conselho dos Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque. **Protocolo de consulta dos Povos Indígenas do Oiapoque.** 2019.

CÉSAR, Elben M. Lenz, 1930-2016. **História da evangelização do Brasil;** dos jesuítas aos neopentecostais. 2. ed. Viço, MG: Ultimato, 2000.

CUTRIM, Raimundo Nonato Penha Cutrim. **Foi a mão de Deus.** Mensagem recebida por <ribamardiniz@hotmail.com> em 09 de outubro de 2023.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO GERAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **História de nossa Igreja,** 1^a ed. Santo André, São Paulo: CASA, 1965.

DINIZ, Ribamar. **A Igreja das Águas:** uma breve história da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Arquipélago do Marajó (1937-2020). 1. ed. Macapá, AP: Ed. do Autor, 2021.

DINIZ, Ribamar. **O Adventismo na Terra do Padre Cícero: uma história de fé, perseguição e milagres,** 1^a ed. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2012.

DINIZ, Ribamar. **Protagonismo Palikur:** como uma Nação Indígena no extremo Norte do Brasil manteve sua identidade por 500 anos. Comunicação no IV Congresso Internacional da Adhilac-Brasil/Asociación de Historiadores Latinoamericanos y del Caribe: Bicentenários dos estados nacionais latino-americanos: utopias e lutas pelas independências econômicas e superação das desigualdades. 26 a 30 de setembro de 2022 (Online). São Paulo, 27 de setembro de 2022.

DINIZ, Ribamar; ALVES, Técio. **150 años de Conducción Divina:** Una breve historia de los 150 años de la Iglesia Adventista del Séptimo Día (1863-2013). Cochabamba, Centro de Estudios Elena G. de White, 2013.

FRANCO, Caroline Souza. **Origem e presente de práticas políticas das populações indígenas do Baixo Oiapoque.** Caroline Souza Franco. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado em Antropologia

Social – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. [s.n.], 2019.

FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas). **Funai**. 27/11/2020. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/Institucional>. Acesso: 18 out. 2023.

FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas). **Dados do Censo 2022 revelam que o Brasil tem 1,7 milhão de indígenas**. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/dados-do-censo-2022-revelam-que-o-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas>. Acesso: 12 out. 2023.

FUNAI OIAPOQUE. **Quadro demonstrativo estimativa de população indígena por etnia**. Oiapoque, AP, 13 de setembro de 2017.

FUNAI OIAPOQUE. **Quadro demonstrativo estimativa de população indígena por aldeia**. Oiapoque, AP, 05 de fevereiro de 2019.

HUMANISTA. Jornal laboratório da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Genocídio indígena: entenda os riscos e preocupações que a população nativa do Brasil enfrenta. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2021/09/24/genocidio-indigena-entenda-os-riscos-e-preocupacoes-que-a-populacao-nativa-do-brasil-enfrenta/>. Acesso: 12 out. 2023.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Amapá. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ap/>. Acesso em: 25 set. 2023.

IBGE, Censo Demográfico 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=censo+geral+2010%2C+religi%C3%A3o>. Acesso em: 19 dez. 2023.

KNIGHT, G. R. **Filosofia & educação**: uma introdução da perspectiva cristã. Tradução de Amilcar Gröschel Jr. 5. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2015.

LINZAU, A. H. & M. **Guyane Terre de luttes et de victoires**: Récit des premiers pas de l'Eglise Adventiste dans cette partie du monde. Ahevé: Alizés, Guadeloupe, 2003.

MORAIS, P. D.; ROSÁRIO, I. S.; MORAIS, J. D. **História do Amapá**: Dos primórdios do lugar ao laudo suíço, revisado. Macapá: JM Editora Gráfica, 2006.

NASCIMENTO, Bruno Rafael Machado. **Entre Matas, Rios e Igarapés**: a História colonial do Amapá. 1. ed. Rio Branco: NEPAN, 2021.

SANTA ROSA, Domingos. **Para cuidar da terra indígena**: memórias e reflexões de Domingos Santa Rosa. SANTOS, Augusto Ventura dos Santos; LEWKWICZ, Rita Becker (organizadores). 1ra. Ed. São Paulo: IEPÉ, 2020.

VIANA, Vanderlei José. Evangelho na selva amazônica. Revista Adventista, dezembro de 2003, p. 24. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso: 26 set. 2023.

VIDAL, L.B.; LAVAL, P. A. **Peixes e pesca:** conhecimentos e práticas entre os Povos Indígenas do Baixo Oiapoque, Amapá. São Paulo, 2019.

VIDAL, Lux Boelitz. Mito, História e Cosmologia: as diferentes versões da guerra dos Palikur contra os Galibi entre os povos indígenas da Bacia do Uaçá, Oiapoque, Amapá. **Revista de Antropologia**, vol.44 no.1 São Paulo, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012001000100004>. Acesso: 15 de jan. 2020.

WHITE, Ellen G. **Parábolas de Jesus.** 15ed. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

BIBLIOGRAFIA SOBRE OS PALIKUR, EXTRAÍDO DE HTTPS://PIB.SOCIOAMBIENTAL.ORG/PT/POVO:PALIKUR.

ALMEIDA, Ronaldo R. M. de. Tradução e mediação: missões transculturais entre grupos indígenas. In. Montero, Paula. Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006, p. 277-304.

_____. Traduções do Fundamentalismo Evangélico. In. Wright, Robin M. Transformando os Deuses: Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil. Vol. II. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 33-53.

_____. Traduções do fundamentalismo evangélico. FFLCH/USP: Tese de doutorado, 2002.

ANDRADE, Ugo Maia. O real que não é visto. Xamanismo e relação no baixo Oiapoque. FFLCH/USP: Tese de doutorado, 2007.

ARNAUD, Expedito. Os índios da região do Uaçá (Oiapoque) e a proteção oficial brasileira. In: _____. O índio e a expansão nacional. Belém : Cejup, 1989. p. 87-128. Publicado originalmente no Boletim do MPEG, Antropologia, Belém, n.s., n. 40, jul. 1969.

_____. Os índios Palikúr do rio Urucauá : tradição tribal e protestantismo. Belém : MPEG, 1984. 82 p. (Publicações Avulsas do MPEG, 38)

_____. O protestantismo entre os índios Palikúr do rio Urucauá (Oiapoque, Brasil) : notícia preliminar. Rev. de Antropologia, São Paulo : USP, n. 23, p. 99-102, 1980.

_____. Referência sobre o sistema de parentesco dos índios Palikur. Boletim do MPEG: Série Antropologia, Belém : MPEG, n. 36, 25 p., 1968.

_____. O sobrenatural e a influência cristã entre os índios do rio Uaça (Oiapoque, Amapá) : Palikúr, Galibi e Karipúna. In: LANGDON, E Jean Matteson (Org.). Xamanismo no Brasil : novas perspectivas. Florianópolis : UFSC/Fapeu, 1996. p. 297-331.

_____. O xamanismo entre os índios da região do Uacá (Oiapoque, Território do Amapá). Boletim do MPEG: Série Antropologia, Belém : MPEG, n. 44, 26 p., 1970.

ASSIS, Eneida C. de. Escola Indígena, uma frente ideológica? PPGAS/UNB: Dissertação de Mestrado, 1981, 192 p.

_____. As questões ambientais na fronteira Oiapoque/Guiana Francesa: os Galibi, Karipuna e Palikur. In: SANTOS, Antônio Carlos Magalhães Lourenço (Org.). Sociedades indígenas e transformações ambientais. Belém : UFPA-Numa, 1993. p. 47-60. (Universidade e Meio Ambiente, 6).

CAPIBERIBE, Artionka. Iyuwti kavanyahaki, le chapeau cérémoniel Palikur. Catálogo da Exposição “Índios no Brasil”. International Arts Festival Europália, Bruxelas, 2011.

_____. Nas duas margens do rio: alteridade e transformações entre os Palikur na fronteira Brasil/Guiana francesa. Tese de doutorado defendida no PPGAS/Museu Nacional, 2009.

_____. Batismo de Fogo: os Palikur e o Cristianismo. São Paulo: Annablume editora, 2007, 276 p.

_____. Sob o manto do cristianismo: o processo de conversões Palikur. In. Montero, P. (org.). Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006, p. 305-42.

_____. Os Palikur. In. Miranda, Marlui (org.). Ponte entre Povos/Pont entre Peuples. São Paulo: SESC, 2005, p. 115-99.

_____. A fragilidade de um sistema de conhecimento: o cristianismo entre os índios Palikur. Revista mensal eletrônica de jornalismo científico ComCiência. [LABJOR/UNICAMP/SBPC]. Campinas, 64, 2005. Hipertexto: <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/04/13.shtml>.

_____. Os Palikur e o cristianismo: a construção de uma religiosidade. In. Wright, R. M. (org.). Transformando os Deuses: Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil. Vol. II. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 55-99.

CAPIBERIBE, Artionka. Os Palikur e o Cristianismo. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do IFCH/UNICAMP, Campinas, 2001.

CASTRO, Esther de; VIDAL, Lux Boelitz. O Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque : um lugar de produção, conservação e divulgação da cultura. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Orgs.). Práticas pedagógicas na escola indígena. São Paulo : Global, 2001. p. 269-86.

COLLOMB, Gérard. De la revendication à l'entrée en politique (1984-2004). Ethnies, 18 [31-32], Paris, 2005, p. 16-28.

COUDREAU, Henri. Chez nos indiens : quatre années dans la Guyane Française (1887-1891). Paris : Hachette et Cie, 1893. 606 p.

DAVY, Damien. Comercialización de artesanía indígena y noción de tradición en Guayana francesa:

hacia una nueva terminología. *Mundo Amazonico*, 2011, vol. 2.
Hipertexto: <http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/imanimundo/article/view/16673>

_____. Vanneries et vanniers. Approche ethnologique d'une activité artisanale en Guyane française. Université d'Orléans: Tese de Doutorado, 2007, 527 p.

_____. La vannerie et l'arouman, *Ischnosiphon spp.*, chez les Palikur du village de Kamuyene (Guyane Française): étude ethnobotanique d'une filière commerciale. Université d'Orléans: mémoire de DEA, 2002, 125 p.

DIAS, Laercio Fidelis. O bem beber e a embriaguez reprovável segundo os povos indígenas do Uaçá. Tese de doutorado em Antropologia - Universidade de São Paulo, 2005, 230 p.

_____. Curso de formação, treinamento e oficina para monitores e professores indígenas da reserva do Uaçá. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Orgs.). Práticas Pedagógicas na Escola Indígena. São Paulo : Global, 2001, p. 360-78.

_____. Uma etnografia dos procedimentos terapêuticos e dos cuidados com a saúde das famílias Karipuna. Dissertação de Mestrado em Antropologia - Universidade de São Paulo, 2000, 263 p.

_____. As práticas e os cuidados relativos a saúde entre os Karipuna do Uaçá. *Cadernos de Campo*, 2000a, 10 (9): 59-72.

DREYFUS, Simone. Os empreendimentos coloniais e os espaços políticos indígenas no interior da Guiana Ocidental (entre o Orenoco e o Corentino) de 1613 a 1796. In. Viveiros de Castro, Eduardo e Carneiro da Cunha, Manuela (orgs.) Amazônia: etnologia e história indígena. São Paulo: NHII/USP/FAPESP, 1993, p. 19-41.

_____. Le peuple de la rivière du milieu : esquisse pour l'étude de l'espace social palikur. In: CONDOMINAS, Georges. Orient. s.l. : Sudestasie/Privat, 1981. p. 301-13.

FERNANDES, Eurico. Contribuição ao estudo etnográfico do grupo Aruak. *Acta Americana*, México : s.ed., v. 6, n. 3/4, p. 200-21, 1948.

_____. Medicina e maneiras de tratamento entre os índios Pariukur (Aruak). *America Indígena*, s.l. : s.ed., v. 10, n. 4, p. 309-20, 1950.

_____. Pariucur-Ienê. In: RONDON, Cândido Mariano da Silva (Org.). Índios do Brasil : das cabeceiras do rio Xingu, dos rios Araguaia e Oiapoque. v. 2. Rio de Janeiro : CNPI, 1953. p. 283-92.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. A matemática Palikur no Uaça, norte do Amapá: a geometria está por toda parte. In: _____. Madikauku, os dez dedos das mãos: matemática e povos indígenas no Brasil. Brasília : MEC, 1998. p. 34-67.

FORTINO, Mauricienne Le Neuf Chamanes et le Maître de la Pluie: Recit Palikur de Guyane. Nicole Launey (introdução). Paris: L'Harmattan, 2007, 60 p.

GREEN, Diana. O sistema numérico da língua Palikur. Boletim do MPEG: Série Antropologia, Belém: MPEG, 1994, 10 [2]: 261-303.

_____. O sistema numérico da língua Palikur. In: FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Org.). Idéias matemáticas de povos culturalmente distintos. São Paulo: Global/ Mari/USP, 2002. p. 119-65.

GREEN, Harold. Como se pergunta em Palikúr. Revista Atualidade Indígena, Brasília, ano III [17], 1979: 23-9.

GREEN, Harold; GREEN, Diana. Você Pode Ler e Escrever Na Língua Palikúr: por Aldiere Orlando, Thierri Ioio, Ivailto Gomes, Elizabete Silva, Harold e Diana Green (gramática sucinta da língua palikúr). Belém: Sociedade Internacional de Lingüística, 1997.

_____. Vocabulário Experimental Palikur, Português, Kheuol. Belém: Sociedade Internacional de Lingüística, 1996.

_____. Surface structure of Palikur grammar. Brasília : SIL, 1991. 101 p. (Arquivo Lingüístico, 196)

_____. Usos da fala direta no discurso Palikur. Arquivos de Anatomia e Antropologia, Rio de Janeiro, 1978, n. 4/5: 265-79.

GREEN, Lesley J. F. Space, Time, and Story Tracks: Contemporary Practices of Topographic Memory in the Palikur Territory of Arukwa, Amapá, Brazil. Ethnohistory, 2009, 56 [1]: 163-185.

_____. Cultural Heritage, Archives & Citizenship: Reflections on using Virtual Reality for presenting different knowledge traditions in the public sphere. Critical Arts, 2007, 21 [2]: 308-20.

_____. “Ba pi ai?” – Rethinking the relationship between secularism and professionalism in anthropological fieldwork. Anthropology Southern Africa, 2005, 28 [3&4]: 91-8.

GREEN, Leslye F. & GREEN, David. From chronological to spatio-temporal histories: mapping in Arukwa, Área Indígena do Uaçá, Brazil. History and Anthropology, vol.14 [n.3], 2003, p. 283-295.
GREEN, Leslye F., GREEN, David & NEVES, Eduardo G. Indigenous knowledge and archaeological science: The challenges of public archaeology in the Reserva Uaçá. Journal of Social Archaeology, 2003, 3 [3]: 365-397.

GREEN, Leslye F., GREEN, David & NEVES, Eduardo G. Indigenous knowledge and archaeological science: The challenges of public archaeology in the Reserva Uaçá. Journal of Social Archaeology, 2003, 3 [3]: 365-397.

GRENAND, Françoise (dir.). Encyclopédies Palikur, Wayana et Wayãpi – fascicule: langue, millieu et histoire. Presses Universitaires d'Orléans/CTHS, Orléans – França, 2009.

_____. Hommes et langues en Guyane française: une situation sociolinguistique complexe. Langues et cité: bulletin de l'observatoire des pratiques linguistiques, 2004, 3 : 2-4.

_____. Mes premières images, imagier quadrilingue palikur, français, créole, portugais, Orléans, PUO, 27 p, 2002.

_____. La connaissance scientifique des langues amérindiennes en Guyane française. Franciso Queixalós & Odile Renault-Lescure (eds.). As Línguas Amazônicas hoje. São Paulo: Instituto socioambiental (ISA), 2000, p. 307-316.

_____. Famille et corps social: cohérence interne et conflit avec l'extérieur – L'exemple de deux populations amérindiennes: les Wayampi et les Palikur. In. Journée d'études "Familles en Guyane": Eléments d'analyse, Cayenne, 30-31 de Janeiro de 1992. Paris: Editions Caribéennes, 1993, p. 31-38.

GRENAND, Pierre. Introdução. In. C. Nimuendaju. Les Indiens Palikur et leurs Voisins. [Tradução: Wolfgang STEINER & Joëlle LECLER]. Presses Universitaires d'Orléans/CTHS, Orléans – França, 2009.

_____. Agriculture sur brûlis et changements culturels. Le cas des indiens Wayãpi et Palikur de Guyane. JATBA - revue d'Ethnobiologie, 1998, 38 [1]: 23-3.

_____. Histoire des Amérindiens. La Guyane, Atlas des Départements français d'Outre-Mer IV. Paris/Talence, CNRS/ORSTOM, 1979, p. 3-4, 3 mapas.

GRENAND, Françoise & GRENAND, Pierre. Les amerindiens de la Guyane Française aujourd'hui : éléments de comprehension. Journal de la Société des Americanistes, Paris : Société des Americanistes, 1979, 66: 361-82.

_____. La côte d'Amapá, de la bouche de l'Amazone a la baie d'Oiapoque, à travers la tradition orale Palikur. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém-Pará, n. s. Antropologia, v.3 [n. 1], 1987, 77 p.

_____. La costa de Amapá desde la desembocadura del Amazonas hasta la bahía de Oyapock a través de la tradición oral Palikur. In: CAMACHO, Roberto Pineda; ANGEL, Beatriz Alzate (Comps.). Los meandros de la historia en Amazonía. Quito : Abya-Yala ; Roma : MLAL, 1990. p. 125-78. (Colección 500 Años, 25).

_____. (eds.). Les Peuples des forêts tropicales aujourd'hui. Volume Régional Caraïbes vol. IV. Bruxelas: APFT-ULB, 2000, 478 p.

GRENAND, Pierre; MORETTI, Christian; JACQUEMIN, Henri. Phamacopées traditionnelles en Guyane : Créoles, Palikur, Waiãpi. Paris : Orstom, 1987. 568 p.

HILBERT, Peter Paul. Contribuição à arqueologia do Amapá : fase Aristé. Boletim do MPEG: Série Antropologia, Belém : MPEG, n. 1, 1964.

KAGTA apatkekne parikwati : hinos na língua Palikur. Brasília : Livraria Cristã Unida, 1979. 126 p.

LAUNAY, Michel. Awna parikwaki : Introduction à la langue palikur de Guyane et de l'Amapá. Paris, IRD Éditions, 2003, 255 p.

_____. À propos de l'opposition verbo-nominale en palikur. Amerindia - Revue d'Ethnolinguistique Amérindienne, 26-27 (Langues de Guyane), 2002, p. 7-50.

_____. Palikur. Langues de Guyane. Cayenne, IRD/Centre d'Etudes des Langues Indigènes d'Amérique (CELIA), 2000, p. 27-28.

LEPRIEUR, M. Voyage dans la Guyane Central. Bulletin de la Société de Géographie, Paris : Société de Géographie, 2a. ser., n. 1, p. 201-29, 1834.

LESCURE, Odile. Bilan d'une expérience éducative. Ethnies, 18 [31-32], Paris, 2005, p. 102-12.

LOMBARD, J. Recherches sur les tribus indiennes qui occupaient le Territoire de la Guyane Française vers 1730. Journal de la Société des Americanistes, Paris : Société des Americanistes, v. 20, p. 121-55, 1928.

MATTIONI, M. Palikurene terre des Palicours. Cayenne : Centre Universitaire des Antilles et de la Guyane-Conseil Scientifique, 1975.

MÉTRAUX, Alfred. Notes sur les indiens de la Guyane Française. Journal de la Société des Americanistes, Paris : Société des Americanistes, v. 36, p. 232-5, 1947.

MUSOLINO, Álvaro Augusto Neves. A estrela do Norte : Reserva Indígena do Uaçá. Campinas : Unicamp, 1999. 242 p. (Dissertação de Mestrado)

MUSOLINO, Álvaro Augusto Neves. Migração, identidade e cidadania palikur na fronteira do Oiapoque e litoral sudeste da Guiana Francesa. Brasília - Ceppac/Unb: Tese de doutorado, 2006, 187 p.

NIMUENDAJU, Curt. Die Palikur-Indianer und ihre nachbarn. Goteborg : Kugl, Vetenskaps, 1926. 150 p.

_____. Les Indiens Palikur et leurs Voisins. GRENAND, Pierre (introdução, edição e notas). [Tradução: Wolfgang STEINER & Joëlle LECLER]. Presses Universitaires d'Orléans/CTHS, Orléans – França, 2009, 175 p.

_____. Os índios Palikur e seus vizinhos. Manuscrito em fase de tradução por Thekla Hartmann, NHII/USP, [1926] s/d.

_____. 104 mitos indígenas nunca publicados. In. Viveiros de Castro, E. (org.) A Redescoberta do Etnólogo Teuto-Brasileiro. Revista Do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v.21, Rio de Janeiro, 1986, p. 64-111.

_____. Cartas do Sertão: De Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira. Apresentação e notas Thekla Hartmann. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/Assírio & Alvim, 2000.

OUHOUD-RENOUX, François. Palikur: expansion d'une ethnie. In. Grenand, P. & Grenand, F.

(eds.). *Les Peuples des forêts tropicales aujourd'hui*. Volume Régional Caraïbes vol. IV. Bruxelas: APFT-ULB, 2000, p. 96-99.

PASSES, Alan. Do um à metáfora: para um entendimento da matemática pa'ikwené (palikur). *Revista de Antropologia*, 2006, 49 (1), p. 245-28.

_____. The Gathering of the Clans: The Making of the Palikur Naoné. *Ethnohistory*, 2004, 51 [2], p. 257-291.

_____. The Place of Politics: powerful speech and women speakers in everyday Pa'ikwené (Palikur) life. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 2004a, 10 [1], p. 1-18.

_____. You Are What You speak, or Are You ? Identity, language, sociocultural change, and the Pa'ikwené (Palikur). Varsovia-Poznan: Estudios Latinoamericanos, 2003, 23, p. 91-108.

_____. Both Omphals and Margin : On How the Pa'ikwené (Palikur) See Themselves to Be at the Center and on the Edge at the Same Time. In Hill, J. D. e Santos-Granero, F. (eds) *Comparative Arawakan Histories: rethinking language family and culture area in Amazonia*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 2002, p. 171-195.

_____. The Value of Working and Speaking Together: a Facet of Pa'ikwené (Palikur) Conviviality. In *The Anthropology of Love and Anger: the aesthetics of conviviality in Native Amazonia*. Londres/Nova York: Routledge, 2000, p. 97-113.

_____. The hearer, the hunter and the agouti head: aspects of intercommunication and conviviality among the Pa'ikené (Palikur) of french Guiana. s.l. : Univer. of St. Andrews, 1998. (Tese de Doutorado).

RECENDIZ, Nicanor Rebolledo. *Escolarizacion y cultura : un estudio antropológico de los Palikur del Bajo Uaca*. México : Universidad Iberoamericana, 2000. 356 p. (Tese de Doutorado)

REIS, Arthur Cézar Ferreira. *Limites e demarcações na Amazônia Brasileira : a fronteira colonial com a Guiana Francesa*. v. 1. Belém : Secult, 1993. 250 p. (Lendo o Pará, 15)

RICARDO, Carlos Alberto (ed). *Povos Indígenas do Brasil: 1996-2000*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000, 831 p.

RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). *Povos Indígenas no Brasil*. v. 3: Amapá-Norte do Pará. São Paulo : Cedi, 1983. p. 18-39.

RIVET, P.; REINBURG, P. *Les indiens Marawan*. Journal de la Société des Americanistes, Paris : Société des Americanistes, v. 13, p. 103-18, 1921.

RONDON, C. M. da S. "Diário da Inspecção de Fronteiras". 3 anexos. Ministério da Guerra. Primeira Comissão demarcadora de Limites, Belém, Pará, 1927.

SILVA, Joaquim Caetano da. *L'Oyapoc et L'Amazone*. Paris: Imprimerie de L. Martinet. 1981

[1861].

TASSINARI, Antonella. No Bom da Festa: O Processo de Construção Cultural das famílias Karipuna do Amapá. São Paulo: Edusp, 2003, 416 p.

_____. Da civilização à tradição: os projetos de escola entre os índios do Uaçá. In. Silva, Aracy L. da e Ferreira, Mariana Kawall Leal (orgs.). Antropologia, História e Educação: A questão indígena e a escola. São Paulo: Global, 2001, p. 157-95.

_____. Missões Jesuítas na região do Rio Oiapoque. Boletim Antropologia em primeira mão/Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2000, 12 p.

VALADARES, S. M. B. . Some Notes on Possessive Constructions in Palikur (Arawak, Brazil). Santa Barbara Papers in Linguistics : UCSB, v. 18, 2006.

VAN DEN BEL, Martijn. Kamuyune: the Palikur Potters of French Guyana. Doctoral thesis in Archeology - University of Leiden, 1995, 140 p.

_____. Palikur Myths from French Guiana , Yumtzilob, 1995, 7(4): 276-302.

_____. The Palikur Potters: an ethnoarchaeological case study on the Palikur pottery tradition in French-Guiana and Amapá, Brazil - As Oleiras Palikur: um estudo de caso etnoarqueológico sobre a tradição cerâmica dos Palikur na Guiana Francesa e no Amapá, Brasil. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, 2009, 4 [1]: 39-56.

_____. The journal of Lourens Lourenssoon and his 1618-1625 stay among the Arocouros on the lower Cassiporé River, northern Amapá State, Brazil - O relato de Lourens Lourenssoon e sua estadia durante 1618 e 1625 entre os Arocouros do baixo rio Cassiporé, norte do Amapá, Brasil. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, 2009, 4 [2]: 303-17.

VIDAL, Lux. Os Povos Indígenas do Uaçá: Karipuna, Palikur e Galibi-Marworno. Uma Abordagem Cosmológica: O Mito da Cobra Grande em Contexto. In. Gallois, Dominique T. (org.) 1º Relatório à FAPESP da Pesquisa Temática “Sociedades Indígenas e suas Fronteiras no Sudeste das Guianas”, NHII/USP, 1996, 21 p.

_____. O modelo e a marca, ou o estilo dos “misturados”. Cosmologia, História e Estética entre os povos indígenas do Uaçá. Revista de Antropologia, São Paulo, 1999, v. 42 [nos. 1 e 2], p. 29-45.

_____. Outros viajantes: de Maná ao Oiapoque, a trajetória de uma migração. Revista USP, São Paulo, Junho/Julho/Agosto de 2000, n. 46, p. 42-51.

_____. O ralador de mandioca: povos indígenas do Uaçá, Oiapoque, Estado do Amapá. In. Brito, Joaquim Pais de (coord.), Os Índios, Nós. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 2000a, p. 170-71.

_____. Mito, História e Cosmologia: as diferentes versões da guerra dos Palikur contra os Galibi,

OS POVOS INDÍGENAS DO AMAPÁ E A MISSÃO ADVENTISTA ENTRE OS PALIKUR

entre os povos indígenas da bacia do Uaçá, Oiapoque, Amapá. Revista de Antropologia, São Paulo, 2001, v. 44 [n. 1], p. 117-147.

_____. Verbete Galibi-Marworno. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2001a. Hipertexto: <http://www.socioambiental.org/pib/epi/galibimarworno/gmarworno.shtml>

_____. Povos Indígenas do Baixo Oiapoque. Rio de Janeiro: Museu do Índio/Iepé, 2007, 96 p.

_____. A Cobra Grande: uma introdução à cosmologia dos Povos Indígenas do Uaçá e Baixo Oiapoque – Amapá. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2007a, 68 p.